

Salesianos e Bororo nos sertões mato-grossenses: das práticas missionárias às resistências culturais (1894-1910)

Aroldo Careaga
Professor da UEMS/MS
Doutorando em Ciências Sociais PUC/SP

Resumo: o estudo da presença dos missionários Salesianos no Mato Grosso, no período de 1894 a 1910, e o seu envolvimento com a catequese dos Bororo, permite compreender as ações dos missionários e a forma como os Bororo se comportaram frente a eles. As relações cotidianas entre índios e missionários na colônia Sagrado Coração foram marcadas por tensões, conflitos e negociações.

Palavras-chave: salesianos, Bororo.

Abstract: the study of the presence of Salesians missionaries in Mato Grosso, from the period of 1894 up to 1910 and its involvement with Bororo catechism, has allowed the comprehension of the actions of the missionaries and the Bororo way of acting in front of them. The daily relations between Indians and missionaries at the Sacred Heart Colony have shown tensions, conflicts and negotiations.

Keywords: Salesians, Bororo.

O estudo da catequese Salesiana junto aos índios Bororo torna-se importante para compreendermos como a questão indígena se colocava para os mato-grossenses no final do século XIX. Procuramos evidenciar como se processaram as relações interétnicas nas *zonas de contato*, vistos como espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam e se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações assimétricas de dominação e subordinação, como era o caso da expansão das fronteiras agrícolas e nacionais nos sertões de Mato Grosso. (PRATT, 1999)

O estudo das relações estabelecidas entre padres e índios, nas missões salesianas, é importante para compreendermos as formas como se processam os contatos interculturais, relações marcadas por tensões, conflitos, resistências, acomodações, negociações e trocas. Neste sentido, partimos do pressuposto de que as situações de contato não podem ser vistas como caminho para a destruição de modos tradicionais de vida, mas como um processo que leva à construção de um novo estilo de vida, com novas estratégias e

alternativas, onde a cultura tem uma dimensão essencialmente dinâmica e adaptativa. (NOVAES, 1993)

A instalação de 140 índios na Colônia Sagrado Coração, no dia 17 de junho de 1903, e as relações estabelecidas entre os missionários e eles são fundamentais para se compreender as perspectivas e estratégias que os dois grupos passaram a utilizar em sua convivência. Os padres tiveram que conviver com os rituais dos índios, já que o estabelecimento deles na missão não implicava abandonar suas crenças e costumes.

Os índios, mesmo após terem-se instalado na Colônia Sagrado Coração, continuaram preservando seus costumes e práticas rituais, entre elas os cantos, jogos, ritos de nomeação e iniciação, funerais, caçadas coletivas, etc. Ao mesmo tempo em que buscaram agradar aos missionários em algumas questões, participando das missas, dos trabalhos na roça e oficinas, na incorporação das roupas e nomes cristãos, aceitando que seus filhos fossem educados pelos padres e freiras; resistiram, quando se tratava de seguir prescrições que implicavam abrir mão de sua cultura.

Os padres, diante das dificuldades em converter os Bororo, fazendo-os abandonar seus rituais e costumes, foram unânimes em reconhecer que a figura do *xamã* devia ser combatida, já que, “em matéria de religião prestam tal fé ao Bari ou sacerdote que será impossível convertel-os de todo até que não se destrua a sua autoridade” (Boletim Salesiano, 1904, p 213). O padre Ambrósio Turriceia sugeria que, “quando se chegar a dominar a auctoridade dos Bari, se poderá facilmente obter que os Coroados renunciem a muitas superstições, ficando com aquilo que é realmente verdade” (Boletim Salesiano, 1904, p. 238).

A identificação dos *bari* como seus maiores adversários no processo de conversão e catequese dos Bororo levou os padres a utilizarem-se de estratégias que visavam diminuir a importância destes, ao mesmo tempo em que buscaram ampliar sua influência junto aos indígenas. A propagação de epidemias desconhecidas pelos xamãs permitiu aos padres colocar em prática essa estratégia. Neste caso, os missionários tinham consciência de que se tratava de ocupar o lugar do *bari*, desempenhando, ironicamente, o mesmo papel que ele ocupava na comunidade.

O padre Balzola pensava tirar proveito do ataque de gripe sofrido pelos índios aldeados na Colônia Sagrado Coração de Jesus, já que esta doença provocava apenas alguns dias de febre e não produzia vítimas fatais. O fato de não se encontrar, naquele momento, nenhum dos *bari* na missão, propiciava aos padres vantagens, pois

vêm-se constrangidos a recorrer a nós, e eu conhecendo a doença, receito algum remédio e asseguro-lhes que em dois dias ficarão curados. Até agora, pouco mais ou menos tenho acertado no alvo, e porisso vae-se aumentando muito a confiança nos missionarios (Boletim Salesiano, 1905, p. 98).

A epidemia que atingiu os Bororo que habitavam a região próxima ao rio das Mortes, que vieram buscar auxílio médico na Colônia Sagrado Coração, acabou vitimando um dos Salesianos, o irmão Bertolino. Esse fato foi utilizado pelos padres para estimular os índios a enterrar seus mortos conforme o costume cristão, no cemitério construído na própria colônia. O fato da epidemia ter provocado mais 30 mortes, levou os missionários a acreditarem que não seria possível aos Bororo realizar os seus tradicionais ritos fúnebres, pregando que eles seriam os responsáveis pela propagação do contágio. De acordo com o padre Balzola, eles ainda realizaram muitos funerais, mas acabaram cedendo, temporariamente, às suas pressões “por fim sempre obedeceram aos meus desejos, e já sepultam os seus derradeiros mortos à nossa moda, sendo as covas marcadas por mim, e depois feitas e entulhadas conforme as minhas indicações” (Boletim Salesiano, 1905, p. 309).

Para o padre, tratava-se agora de “obter delles, que nunca mais toquem os ossos dos mortos”. Apesar dos índios afirmarem que fariam tudo o que o padre ordenasse, parecendo obedecê-lo, “fizeram esta restrição: que queriam os ossos de dois capitães daquela terra, para uni-los ao de outro, sepultado na aldeia abandonada, afim de os obsequiar com funeraes solenes” (Boletim Salesiano, 1905, p. 309).

A suposta aceitação dos Bororo em enterrarem seus mortos conforme o costume dos cristãos durou pouco tempo. Em carta de 27 de novembro de 1905, o padre Balzola reconhecia que suas esperanças de que os índios abandonassem seus costumes rituais na organização dos funerais foram em vão, pois mesmo tendo sido 30 o número de mortes por causa da epidemia, “decorridos seis meses, e elles continuam a tirar das covas os ossos de quatro ou cinco defuntos por cada vez, e fazem os enterros segundo o seu sisthema”. Lamentava que

para viver com esta gente, quer-se bôa dose de paciencia e tolerancia. Só com o tempo e muita resignação se pode lograr abolir certos costumes inveterados! Graças a Deus, em muitas coisas já me obedecem e noutras desculpam-se, dizendo que não são a isso obrigados (Boletim Salesiano, 1906, p. 232).

Os rituais realizados em função das almas e os funerais atraíram a atenção dos padres, que buscavam compreender a função dessas cerimônias e a concepção que eles

tinham da vida após a morte. Analisando os complexos rituais Bororo, o padre Ambrosio Turriccia chegou à conclusão de que os índios compreendiam perfeitamente que a morte separa a alma do corpo,

isto é, separa do corpo, dizem elles, aquillo que communica a vida aos ossos e a carne; é este principio de atividade que passa em outros animaes e que não abandona com o affecto aquelles que ficam no mundo. A tal fim, supponho, devem referir-se as grandes ceremonias feitas em torno ao cadáver, e quem sabe se porventura não corresponde a crença na ressurreição o cuidado que tem em compôr os ossos dos mortos (Boletim Salesiano, 1904, p. 237).

Os padres acreditavam que, ao conhecerem perfeitamente a língua dos índios, podendo entendê-los com facilidade, tornar-se-ia possível encontrar analogias entre sua crença acerca do destino dos mortos, presente nos funerais, e o que deveriam lhes ensinar acerca da imortalidade da alma e a existência do céu e inferno. Isso explica o interesse dos padres em, desde o inicio da missão, realizar estudos lingüísticos e gramaticais da língua Bororo, pois a compreensão facilitaria a tradução nos dois sentidos, tanto na descrição da cultura indígena, compreendendo-a melhor, quanto na tradução dos conceitos e idéias cristãs em termos locais, facilitando a incorporação desses valores pelos índios.

O padre Balzola reconhecia a dificuldade em obter resultados positivos quando se tratava de combater o que considerava como superstições dos índios, principalmente no que se referia às previsões e sonhos dos *bari*. Por outro lado, embaraçosa era sua situação quando, no decorrer da epidemia, os Bororo consultavam o missionário para que este previsse quantos iriam morrer e se morreria algum naquele dia. Balzola teve de “a recorrer a termos ambíguos para manter a minha autoridade, estratégia de primeira agua, de que muito usam os seus bari”. Segundo ele

quando de manha ia pelas cabanas a visitar os doentes, as súbitas me saltavam com perguntas seguintes: se morrera alguns, se deviam morrer naquelle dia, e quantos! [...] fácil era a resposta a primeira pergunta, dizendo: morreu Fulano e Cícrano; para satisfazer ás outras, a coisa mudava de figura, e por vezes me engasgava, mas por via de regra ia alinhavando uma resposta, que os contentava, e era esta: só Deus o sabe, mas Fulano difficilmente chegará até o dia seguinte; Beltrano esta muito mal, mas não morre hoje, e esta tarde irei lá ver como as coisas correm. E, graças a Deus, advinhei quase sempre. Tambem queriam sempre saber se agora paravam as mortes, dizendo que por tal andar todos desapareceriam (Boletim Salesiano, 1905, p. 310).

O esforço dos padres em ocupar o lugar dos xamãs, diminuindo-lhes a influência, parecia ser destinado ao fracasso, já que a existência da própria epidemia havia

sido prevista pelo *bari* seis meses antes. Para surpresa do padre Balzola, numa determinada noite, estando a visitar os enfermos,

encontrei este corvo augoimento assentado a uma fogueira, rodeado de toda a gente da terra, em conversação com as almas, e predizendo o termo da epidemia. Todos davam signaes de credito nas palavras do oráculo; terminada a suas secção de parlapatice e charlateneria, deu um forte sopro na testa de todos [...] para arredar delles o contagio (Boletim Salesiano, 1905, p. 309).

O padre Balzola, percebendo que a estratégia utilizada no contexto da epidemia não dera certo, irritado, no final do ritual xamanístico, entra em cena, e “mofando do bom do Bari e das suas tolices, disse áquelle grande grupo de índios: agora não vos recommendo mais ao Papai grande, nem vos darei mais remedios, porque o Bari Totó mandou embora a doença” (Boletim Salesiano, 1905, p. 309). A forma irônica com que o missionário dirigiu-se aos índios e a ameaça implícita em suas palavras não produziu o efeito desejado, pois os índios distinguiram o papel que cabia a eles e aos xamãs, pedindo ao padre para que não os abandonasse e continuasse a desempenhar o mesmo papel: fornecendo remédios em caso de doença, protegendo-os de possíveis ataques de outras tribos ou dos brancos e fornecendo os objetos que eles tanto apreciavam.

Embora os adultos não se opusessem à cristianização dos jovens e sua freqüência às missas, oficinas, escolas, catecismo, os resultados, a longo prazo, não foram considerados satisfatórios. Os Bororo continuavam a realizar as cerimônias de iniciação dos meninos quando estes atingiam a idade prescrita pelos costumes ancestrais. O padre Balzola relatou o caso da iniciação de quatro jovens batizados, que provocou uma certa tensão entre os pais e ele. Ao opor-se ao ritual, justificava que estes jovens, por terem sido batizados, não precisavam mais ser iniciados nos rituais que os introduziam no mundo dos adultos. A apelação do religioso não teve efeito algum, “o Bari e os capitães desculparam-se, dizendo que era preciso fazer assim, porem que seria a ultima vez e que os despachariam imediatamente. Que quer que faça? Era preciso ter paciencia!” (Boletim Salesiano, 1907, p. 402).

Os padres Salesianos tiveram que aceitar a convivência imperativa das duas culturas no cotidiano das missões. Os índios correspondiam às expectativas dos missionários, desde que a obediência não colocasse em xeque as suas próprias convicções. Ou seja, iam à missa, mas não deixavam de celebrar seus cantos e rituais, aceitavam a medicina oferecida pelos padres, mas não abriam mão da atuação do *bari* e de suas crenças, incorporavam os nomes cristãos, mas não deixavam de utilizar os seus.

Os papéis que os Bororo passaram a desempenhar, a partir de seu convívio com os missionários, não excluíram, de modo algum, os seus papéis anteriores. No período que cobre os primeiros dez anos de contato com as colônias salesianas, assimilaram e assumiram aquilo que lhes era conveniente, mas relutaram e resistiram em abrir mão dos elementos essenciais à preservação e reprodução de suas práticas culturais, obrigando os missionários a se tornarem tolerantes e flexíveis frente a elas. Isto levou os religiosos a reverem suas práticas e estratégias nas suas relações com os Bororo, sendo que muitas medidas e estratégias foram sendo transformadas, deformadas e repensadas mediante a convivência com os índios, o que nos leva a relativizar a eficácia simbólica das estratégias utilizadas pelos missionários e pela Igreja, em sua tentativa de controlar, disciplinar e normatizar a conduta e a cultura indígena. O relativo fracasso das múltiplas frentes de atuação dos Salesianos frente aos Bororo endossa o êxito parcial das tentativas de romanização em terras mato-grossenses.

Referências

BOLETIM SALESIANO. São Paulo. ANNO III, Vol. I, janeiro de 1904. (ver 1905; 1906 e 1907)

COLBACCHINI, Pe. Antônio. *A tribo dos bororo*. Rio de Janeiro : Papelaria Americana, 1919.

NOVAES, Silvia C. *Jogo de espelhos*. São Paulo : Edusp, 1993.

NOVAES, Silvia C. A épica salvacionista e as artimanhas da resistência – As missões salesianas e os Bororo de Mato Grosso. In: WRIGHT, Robin M. (Org.). *Transformando os deuses*. Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas/SP : Ed. UNICAMP, 1999.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império* : relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP : EDUSC, 1999.